

A FILOSOFIA E SEU ENSINO¹

[DIE PHILOSOPHIE UND IHRE BELEHRUNG]

Gilvan Fogel*gilvanfogel@gmail.com*

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Petrópolis (1971), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975) e doutorado em Filosofia - Karl-Ruprecht Universität Heidelberg, com a tese "Nietzsches Gedanke der Überwindung der Metaphysik (O pensamento nietzschiano da superação da metafísica) 1980. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do Conselho editorial da coleção Pensamento Humano, - Editora Vozes. Trabalha com filosofia alemã contemporânea (Nietzsche e Heidegger, principalmente; fenomenologia, de modo geral). Concentra também seu trabalho na articulação/relação entre filosofia e literatura. A partir daí, ocupa-se com questões de arte e pensamento.

DOI: [10.25244/tf.v13i1.2408](https://doi.org/10.25244/tf.v13i1.2408)

Recebido em: 26 de julho de 2020. Aprovado em: 27/07/2020

¹ Texto originalmente escrito para a Aula Magna de abertura do semestre 2020.1 do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó, que ocorrerá dia 09/09/2020 (Nota do Editor)



DOI: [10.25244/uf.v13i1.2408](https://doi.org/10.25244/uf.v13i1.2408)

A filosofia e seu ensino

FOGEL, Gilvan

Resumo: O texto procura dar *uma* direção possível de compreensão, de determinação, da filosofia. Filosofia como compreensão de fundamento e este enquanto e como geração e gênese. Ensinar filosofia: *ler* os textos dos filósofos.

Palavras-chave: Filosofia, realidade, fundamento, geração, gênese.

Zusammenfassung: Der Text versucht *eine* mögliche Verstehens- und Bestimmungsrichtung der Philosophie zu geben. Philosophie als Suche nach Grund. Grund als Genesis und Entstehung verstanden. Die Philosophie zu lehren: die Texte der Philosophen zu *lesen*.

Stichwörtern: Philosophie, Wirklichkeit, Grund, Entstehung, Genesis.

I A FILOSOFIA

1. Filosofia é vontade de compreender realidade. Uma vontade, um querer, que até vira obsessão — uma comichão, uma sarna, que costuma não largar mais. *Pega-se isso* e costuma-se morrer, não disso, mas com isso, nisso. E tal querer se faz, acontece, porque o homem é o estranho vivente para o qual a realidade (as coisas, o mundo) aparece *como tal*, quer dizer, as coisas aparecem *como* as coisas que são — como estranhas e outras que o próprio homem. Isso, que parece ser uma banalidade, uma trivialidade, é um acontecimento in-comum, extra-ordinário. Isso, tal aparecer (as coisas, a realidade *como tal*), só acontece ao homem, só se dá para o homem, que é o vivente extra-ordinário, quer dizer, o vivente que também é ou está *fora*, *além* do ordinário, do comum, do habitual, isto é, da realidade nua e crua, que aqui e agora se dá e nos assalta e ocupa por inteiro. Ou seja, o homem é também *fora* do real, *fora* da vida, da existência. Pode-se mesmo dizer que ele também não vive ou, se se quer, ele também *desvive* a vida à medida que dela se retira, *pode* se retirar. Este *poder* não é ato de sua vontade, não é uma deliberação sua, mas uma dimensão necessária de sua constituição de ser, quer dizer, vital, existencial (ontológica), que lhe sobrevém, que se lhe acontece e, assim e por isso, lhe é dada. Retirar-se, afastar-se e como que, *de fora*, *poder* ver a vida. Vê-la e sofrê-la — padecê-la. Só este *fora*, só esta *distância* permite, possibilita o ver — o ver que marca, que caracteriza essencialmente o homem, a vida humana. Acontece o homem, o humano, quando rompe, quando irrompe ou salta o *olho*, o *ver*. Ver está dizendo: dar-se conta vivendo, existindo e, assim, ser no sentido do aparecer ou, diz-se também, ser no sentido ou na compreensão de ser. E isso, por sua vez, está dizendo: ser marcado, ser estigmatizado pelo aparecer, pelo mostrar-se, enfim, pelo *ver*, que é também ser à distância, à parte, à margem. Um ou o *expectador*. Aí e assim, lugar e hora da vida, da existência e igualmente da filosofia, do pensamento, que é esforço por *incidir sobre* vida, *sobre* existência e, assim, co-incidir com o modo de ser próprio do homem, que é viver, existir.

Estranho, este ser/estar *de fora*, à distância ou à margem, é que realmente me põe, me joga *dentro* da vida. Nisso e com isso, na verdade, salta-se *para dentro da vida*. Trata-se de um desconcertante dentro-fora, fora-dentro, que faz do homem um pierrô, um morto-vivo. Este pierrô, este morto-vivo é o filósofo. Até e sobretudo por isso o homem vai viver a sua morte. Mas isso já é outro capítulo, outra musa.

O que é isso, o real? O que é o *ente*, o *sendo*? (tí tó ón;) Assim, com essa pergunta ou com este modo de perguntar, meio espantado, muito *expectador interessado*, começa a filosofia com os gregos. E esta pergunta, este modo de perguntar, modulando-se de diversos modos ou maneiras, atravessa toda a filosofia, todo o pensamento ocidental, perfazendo o que se chama *Ocidente*, *Europa*. Todos os filósofos re-perguntaram esta pergunta e pastaram nesse pasto. Viveram e foram nessa e dessa seiva.

2. Contemporaneamente, no século XX, surgiu um movimento na filosofia, no pensamento europeu, a fenomenologia, que, herdeira direta desta tradição, recolocou esta pergunta a partir de um *lema*, de uma *divisa*, assim cunhada: “às coisas mesmas”. Isso quer dizer: ir direto às próprias coisas — *às coisas mesmas*. Mas por que, para que isso? Não estamos mergulhados, afundados nas coisas, dentro delas, tomados e atravessados por elas? Isso, a saber, querer ir às coisas mesmas, parece chover no molhado ou acender uma vela ao meio-dia para iluminar o sol. Mas justamente aí está a questão, pois estando nas coisas, dentro delas, tomados e atravessados por elas, sem distância, não as vemos, não as *sabemos*. E vem a pergunta: mas o que é *coisa*? A fenomenologia responde: coisa é *fenômeno*, isto é, aparecer, mostrar-se. Mas isso não resolve o problema. Pelo contrário, o acirra, pois: o que é, como é fenômeno? O que é, como é aparecer, mostrar-se? O

senso comum, de novo, responde: ora, fenômeno é fenômeno! É o que aparece, o que está aí, na cara, escancarado. E assim é coisa — ora, coisa é coisa! O que aparece, o que está aí, *na cara*. O que está aí, o que se dá cínica e descaradamente, com a evidência da pedra, com a qual eu topo e dou topada, ou ainda o sapato, o computador, o celular, o livro, o garfo ou a faca. Tudo isso é, são coisas — aí na cara e sem discussão. De todas essas coisas eu uso e abuso. Delas e com elas me ocupo descuidada e mecânica ou automaticamente. Sem *pensar*. Não é preciso.

Mas aí é que está *a coisa*, pois a filosofia, na filosofia, tal como a ou na Cavalaria Andante, O *Dom Quixote*, tudo é *às avessas*, tudo é *virado*. É proverbial a fala de Hegel, na *Fenomenologia do Espírito*, que diz: “a filosofia, segundo o senso comum (*o bom e saudável entendimento humano*), é o mundo às avessas”, isto é, invertido, *virado*. E isso porque a filosofia começa onde acaba o *bom senso* ou o *senso comum*. O *bom senso*, o *senso comum*, jamais será medida para se medir a filosofia — aqui está mais uma de suas características essenciais. Aliás, o bom senso não é, não será jamais a medida, o *critério*, para medir nada que na vida seja *grande, essencial* — por exemplo, a arte (a literatura, a poesia, a pintura, a música) ou a ciência. Tudo isso já se dá, já se faz *fora dos gonços, extra-ordinariamente*, isto é, fora do comum, do ordinário — do que está na ordem do dia ou sob o império do cotidiano. Tudo isso já é obra de, do *expectador* — do expectador *interessado*.

Mas o comum, o ordinário, o senso comum ou o *bom senso*, também não é para ser exorcizado, excluído da vida — isso é impossível. O cotidiano é o nosso remanso, mesmo o descanso do guerreiro... A filosofia, na verdade, quer ir fundo no habitual, no comum, no *bom senso*. O cotidiano, regido pelo *bom senso*, é o ponto de partida, o arranque. A filosofia, até e sobretudo, quer saber e ver como e por quê o *bom senso* veio a ser *bom*, isto é, como ele se fez vigência, dominação, *medida*. A partir de onde, qual a sua gênese, desde onde e como ele cresce, cresceu e apareceu e se fez, se deu tal *direito*. Não foi à toa, de graça. Ou seja, a filosofia não é a negação, no sentido de recusa, repúdio e exclusão, do senso comum, do cotidiano, mas, ao contrário, sua radicalização e, assim, a conquista de seu fundo esquecido, perdido. Em suma, a busca de sua gênese, de seu *direito* ou razão de ser. A filosofia não nega (no sentido de repudiar, excluir) o senso comum, o cotidiano, mas o atravessa e, assim, o supera, o ultra-passa ou sobre-passa, no sentido que passa a vê-lo desde outro lugar esquecido por ele mesmo, a saber, sua própria gênese ou fundo. Mas deixemos isso e voltemos à coisa, ao fenômeno da fenomenologia, que é fala extraordinária das coisas.

3. O que é, como é isso que se dá, que aparece — *as coisas*? Heidegger disse que “atrás dos fenômenos da fenomenologia não há nada”². Ou seja, o *fenômeno* (a *coisa*) é tudo — o *absoluto*, o “non plus ultra”. Assim, o real, a realidade, é pura, absoluta superfície. A filosofia é o exercício de ver, de *poder ver* esta pura superfície. Mas como entender isso? Quando pergunto “o que é isso?” não estou indo, querendo ir *atrás* ou *por trás* da coisa para ver seu fundo, seu fundamento, sua *essência*? Isto é, seu *além*? A coisa mesma, a *coisidade da coisa* é, está ou estaria *atrás e para além* da coisa.

Agora, aqui, começa o extra-ordinário — já se fala *desde* um outro *lugar*, o qual marca a filosofia, que é o *lugar*, a *casa* da filosofia. O estranho, o extraordinário é que coisa, toda e qualquer, a rigor, não é coisa. Coisa só é a coisa chapada e tosca da minha lida distraída e descuidada quando impera, na fala de Nelson Rodrigues, o “idiota da objetividade”, isto é, por exemplo, na voga da sonolência do cotidiano, na dominação do embotamento ou do calo do senso comum — o *bom senso*. Mas é preciso ver coisa e coisas *acordado, desperto* — tal como sempre cobrou Heráclito, o grande *despertador* na e da filosofia.

Nietzsche, discutindo com este ou este problema, o da coisa, da coisa como se fora coisa-em-si, *objetiva, desinteressada*, diz que coisa-em-si, no sentido de *objetiva* ou completamente

² Cf. Heidegger, M., *Ser e Tempo*, § 7, C.

desinteressada, apática, é um completo absurdo, uma insensatez, pois com isso quer-se algo, uma coisa, completamente independente, isto é, *fora* de toda e qualquer *relação*, ou seja, *fora, além ou aquém*, de todo e qualquer *interesse*. Mas coisa, toda e qualquer, para ser a coisa que é ou tal como é, tal como aparece e se dá, precisa ser, *já ser* (portanto, por antecipação ou previamente) uma relação. Uma relação ou um *interesse, que já se deu, que já aconteceu* — caso contrário, não seria coisa, não *podia* ser ou aparecer como coisa — como a coisa que é. Expliquemos. Desatemos este nó.

A palavra *interesse* está sendo usada num sentido muito preciso, rigoroso — e não no nosso sentido usual (cotidiano!), pessoal-subjetivo, onde costuma imperar o *interessado*. No seu sentido de raiz, o etimológico³, é preciso ouvir-se *inter-esse*, que é *ser ou estar já dentro* (“*inter*” e “*intus*”) *de um determinado modo de ser (esse)*. A vida, a existência humana é interessada, isto é, ela se dá, ela acontece, só pode acontecer ou dar-se, *interessadamente*, quer dizer, *sempre já* em um ou desde um *inter-esse*. Este *sempre já* está falando *de repente, subitamente, em salto* — como um corisco, um raio, *de repente*, eu me vejo num (*dentro de*) mundo, isto é em um e com, melhor, *desde* um determinado *interesse*. Mundo não está falando de uma determinação cosmológica, geográfica, astronômica ou astrofísica, mas mundo, aqui, fala de um *sentido*, quer dizer, de um todo ou de uma totalidade de sentido, que tudo põe, dispõe, organiza, compõe, *estrutura* (assim é *lógos*). Desse modo, digo, p. ex., o mundo de van Gogh (= a pintura ao modo ou à maneira van Gogh), o mundo de Kafka (= a literatura ao modo ou à maneira Kafka), o mundo de Guimarães Rosa, o mundo do músico, do desportista, do pintor, etc, etc. Todo e qualquer um que é, todo e qualquer *alguém* que pertence a este ou a um mundo, *já vê tudo desde dentro* deste mundo (esta a sua *perspectiva*, seu “*per-spicere*”), ou seja, na verdade, *é este mundo (este sentido, esta força) que torna visível as coisas que nele se mostram e tais como se mostram, é ele que realmente revela tudo que nele ou desde ele aparece e se faz*. Assim, este *mundo* (sentido, força, *interesse*) é a *condição de possibilidade* (o prévio, o *a priori*) de tudo que é, que aparece e se faz ou se dá.

Neste ou desde este horizonte de compreensão é que é preciso ouvir-se a formulação da fenomenologia existencial de Heidegger, quando diz que o homem, a vida ou a existência humana (o “*Dasein*”) *é ser-no-mundo*. Homem, vida humana, é, dá-se, faz-se *enquanto e como ser-no-mundo*. A analítica existencial ou a ontologia fundamental de Heidegger (a obra *Ser e Tempo*) é a análise, a explicitação desta estrutura, desta *forma*, quer dizer, desta *gênese de realidade*, deste nascimento ou irrupção das *coisas*. A vida, a existência, dá-se sempre *já desde dentro de um sentido, de um lógos (= mundo, interesse)*. Quando vida, existência, se dá, *mundo* já se deu (em salto, como ou desde salto, *i*-mediatamente), *já aconteceu e por isso, graças a isso ou por obra e graça disso* as coisas são tais como são, aparecem tais como aparecem. Mundo (*lógos, interesse*) mostra, revela, torna visível. A analítica existencial de Heidegger, *Ser e Tempo*, é a análise, a exposição ou descrição fenomenológica (isto é, de geração e de gênese) da vida, da existência, como vida ou existência *interessada* — essencial ou constitutivamente interessada.

Para dizer este modo de ser ou esta estrutura da vida e das coisas (a saber, de subitaneidade, *i*-mediatidade ou inserção, *círculo*) e voltando à nossa menção a Nietzsche, neste contexto, ele disse: “Não há coisa em si, fato ou fatos em si, mas só *interpretação(ões)*. Quando algo se dá, acontece, um *sentido sempre já se interpôs*”⁴, quer dizer, *já se deu, já aconteceu e eu só vejo, só aparece o que aparece ou se dá tal como se dá ou aparece, porque (graças a ou por obra e graça de) um sentido (um mundo, um interesse) já se deu, já aconteceu, isto é, já se interpôs ou se intrometeu* — já se colocou *entre*. O mundo (o interesse ou o sentido prévio) é mesmo um *abelludo*, um *intrometido*...

³ Já disseram, Ortega y Gasset, que as palavras, tal como as plantas, vivem de suas raízes. *Étimo* é o verdadeiro e o certo, à medida que aponta, que acena *para* ou recorda a origem, a fonte, a proveniência, isto é, para a raiz, para o enraizamento. Desde aí e assim palavra, nome, se faz, cresce, aparece e entra em voga.

⁴ Cf. Nietzsche, F., *A vontade de poder*, nr. 481 e 556.

Assim, a filosofia, em sendo vontade de compreensão de realidade, isto é, da textura ou da constituição de real, de todo e qualquer real (ente, coisa), é, precisa ser o estudo, a compreensão das *condições prévias* de realidade, das coisas. Isso e nisso há algo decisivo, a saber, a compreensão, a sub- ou pré-compreensão, segundo a qual, o real, todo e qualquer real, as coisas, são, dão-se necessariamente desde e como um prévio, um preliminar, que é sua fonte, sua origem ou gênese — a origem ou gênese e, assim, a real realidade do real. E isso porque, desconcertante e paradoxalmente, ao olhar interessado ou desperto da filosofia, do pensamento, revela-se que, quando vejo, *só vejo, só posso ver porque já vi*, isto é, porque já sou, já (me) foi dada a condição de possibilidade para que o ver-aparecer pudesse dar-se, acontecer. Enfim, para que as coisas possam, pudessem, ser, aparecer⁵.

Mas, cuidado! Este preliminar, este prévio, não está *escondido atrás* das coisas como seu suporte, como *uma outra coisa* ou *um outro algo* (ente, entidade), *um outro estrato*, que seria sua causa, seu autor ou agente, como um sub-estrato ou uma sub-stância, agindo, atuando (causando) de *fora*, desinteressadamente. Não. O desconcertante, já visto pelos gregos, é que *ser é aparecer*. Ser-aparecer — isto constitui um único e mesmo *ato*, um único e mesmo *acontecimento*. E, com isso, mais coisas extraordinárias: eu só vejo o aparecido, o mostrado (o *real*, o *concreto*), ou seja, a coisa, as coisas, e não a sua força de aparecer — o seu sentido, o seu interesse, o seu *mundo*. Este está sempre dissimulado e, assim, sub-dito, sub-entendido, sub- ou entre-visto. Entre- e co-visto, *mas retraído, recolhido* — velado. É por isso que “atrás dos fenômenos da fenomenologia não há nada”, pois ser-aparecer é, perfaz um único e mesmo ato, um único e mesmo acontecimento. *Ser-aparecer é tudo*. O olhar do filósofo, do pensador, que é o olhar do expectador interessado, precisa se educar, mesmo se adestrar para ver o invisível, ou seja, ele precisa conquistar a habilidade (a perícia ou a *técnica!*), a perspicácia e a sutileza de co-ver no visto ou visualizado, no aparecido e mostrado, no mesmo olhar ou no mesmo golpe de vista, o retraído, o recolhido, mas que é, perfaz e cofaz a coisa, o aparecido e mostrado — o filósofo está sempre vendo, co-vendo o invisível. Sim, sempre a ver fantasmas e fantasmagorias...! Ele deu um salto e entrou em outro registro — sim, ele é *meio virado*, ele está *em outra* a ponto de se dizer que anda “no ou pelo *mundo* da lua”. Isso já desde Tales de Mileto, na fundação da filosofia, visto pelo olhar de uma *escrava* trácia... Aqui e assim o que já mencionamos de Hegel como “o mundo às avessas” e que é o domicílio do filósofo, a casa da filosofia.

O que aparece e se dá, a coisa, as coisas, constitui ou constituem uma superfície, que é um limiar, a linha de co-pertinência, de consanguinidade do raso e do profundo, do aparecido/mostrado e da força/sentido/interesse mostrante, realizante. Esta superfície, este limiar, a pele e também o fundo das coisas, de toda e qualquer coisa, é um balanço, uma oscilação, um tremeluzir. O filósofo é e está (n)este balanço, (n)esta balança, (n)este lusco-fusco. Ele, seu olhar, *pisca* nesta linha (seria o filósofo, assim, como um vaga-lume?! “Ah, se eu fosse um vaga-lume”, já disse/exclamou Machado de Assis, num verso — o filósofo o é!), no exercício de, sempre, estar a ver, a entre-ver, presença e ausência. Ele vê, ele co-vê presença e ausência. Mas ele não vê presença e (+) ausência *separados*, sendo a ausência o *atrás*, que é somado ou acrescentado à presença, ao aparecer, como o recôndito e o escondido, mas ele (o filósofo), na presença, co-vê ausência *como*

⁵ Este é o sentido e a conquista do pensamento de Platão, ao dizer que “idéa” é a verdadeira “causa” das coisas, de todo real. “Idéia” quer dizer “a visada”, “a sacada”, o *aspecto* segundo o qual e desde o qual o que é visto ou visualizado é, *pode* ser visualizado ou visto. A teoria das idéias, de Platão, é uma teoria dos aspectos do real — real se faz, se dá, desde e como *aspectos preliminares, visadas prévias, pré-visões*. Por isso e assim, no visto ou aparecido e visualizado, sempre *já vi*, sempre *já vejo* ou co-vejo “idéa”, que é o prévio, o que *já aconteceu ou se deu*, a *condição de possibilidade* e, neste sentido, *a causa* — o possibilitador, o *graças a* ou *por obra e graça de*. Platão, ao formular a teoria das idéias cunhou a filosofia como a quixotesca tarefa, esforço e *possibilidade* de ver o ver. “Idéia” é o que sempre já se deu, sempre já aconteceu para que, o que quer que seja, possa ser, dar-se, acontecer. Daí também a formulação, a invisível *imagem*, segundo a qual conhecer é *recordar*, isto é, *saltar, transpor-se para* a “idéa” ou a visão prévia e dissimulada (retraída) no que aparece *porque* aparece. O *a priori*, de Kant, e os *existenciais*, de Heidegger, navegam por essas águas.

ausência; ele co-, sub- e entre-vê a sombra, o escuro *como* escuro e sombra, sem poder e, sobretudo, sem *querer* e sem *precisar* iluminar a sombra ou o escuro, sem poder, sem querer e sem precisar fazer da ausência uma presença escancarada à luz, como que toda iluminada com *neon, luz branca*. Aí e assim se faz o pierrô, o morto-vivo, que lá, acima, dissemos ser o filósofo, o tipo desperto.

Portanto, assim, o filósofo, ao ver realidade como superfície e limiar de raso e de profundo, vê, co-vê na presença a co-presença da ausência *como* ausência. Assim ele celebra, a cada passo, o mistério. Porque mistério não é o profundo e o remoto e recôndito, escondido, *tapado atrás*, mas a sombra co-vista e co-celebrada na linha de limiar ou na superfície, tornando mais nítida tal superfície, tal limiar, pois revela o insondável deste raso, o abissal desta superfície — uma vez que sentido irrompido, saltado. Gratuidade. Tal olhar não é chocho, mas ele dá o intenso, o *cheio*, que é a superfície, o raso, isto é, a coisa no seu ser e aparecer — ser-aparecer é tudo. Mistério não esconde. Mistério mostra, revela a sombra *como* sombra, o ausente *como* ausente, o insondável ou abissal (o *abysso*) enquanto e como abissal e insondável. Isso enquanto e como a plenitude da presença, mesmo a luz, a luminosidade da e na sombra, do e no escuro. Co-fazendo, co-pertencendo à luz, à revelação.

4. *Viajamos* e até um pouco muito. Voltemos, tomemos pé. Nosso ponto de partida foi que a filosofia é uma vontade, um querer, *até obsessivo*, por compreender realidade. Viu-se que este compreender realidade, seguindo a *pegada* fenomenológica, torna-se um entrar em sintonia e sincronia com a dinâmica de realização de realidade. Participar de sua gênese. Uma autêntica participação vital. Indo *às coisas mesmas*, à *coisidade* das coisas, aos seus enraizamentos ou texturas ontológicas, enfim, às suas *essências*, o pensamento volta-se para a gênese das coisas e visa um co-fazer e com-crescer com o real. *Coisa (coisas) é gênese, geração*. É isso a visualização de gênese do real e, desde e como tal visualização, sintonia e sincronia com tal dinâmica, com tal *crescimento e aparição* de real, de realidade. E real, realidade, é *coisa* múltipla, pois há tantos *reais*, tantas realidades, quantos os *mundos* (interesses, sentidos, *logoi*) possíveis. Mundo (interesse, *lógos*), repetindo Heráclito, é o um que em si mesmo e desde si mesmo se diferencia, se altera, isto é, vem a ser outro em permanecendo o mesmo *alterado, transformado*. Assim se faz vida. Todo o esforço, toda a tarefa e todo o empenho é, a cada vez, *transportar-se, saltar para* um tal mundo (interesse, sentido, *lógos*) e desde aí, isto é, desde a gênese da coisa em questão, ver, falar, dizer. Isso é dever, imperativo de quem pretende *ver, entender* — em sendo *honesto, justo com a coisa*. Isso e assim é falar da *coisa* desde a própria coisa.

Esta compreensão, esta fala, de gênese e de participação em gênese, encerra uma experiência muito própria de pensar, que inaugura isso que veio a ser a filosofia. Que é pensar? Que é filosofar? Heráclito, no fragmento 112, formulou esta visão/compreensão/experiência e que nós, acima, em meio a gaguejos e soluções, tentamos expor. Diz o fragmento: “Pensar é a maior força (excelência, *aretê*) e a sabedoria (é) dizer o verdadeiro (*álétá légein*) e fazê-lo em escuta ao longo do surgir, do brotar (*katà phýsin*)”⁶.

Em rápido comentário, começemos pelo que o fragmento fala a respeito do saber, da sabedoria (“*sophié*”). Este(a) constitui-se em “dizer a verdade e fazê-lo ouvindo ao longo do mostrar-se, do revelar-se”, isto é, ao longo da dinâmica de nascividade, que é *phýsis* (natureza, “*natura*”) — *nascer, brotar, vir à luz*. Diz-se: “dizer a verdade ou o verdadeiro”. Aqui é preciso, é decisivo, ouvir-se Heidegger, que, de maneira simples, aguda e transformadora, nos advertiu que verdade, em traduzindo *alétheia*, deve ser entendida/ouvida como *mostração, revelação, aparecimento*, enquanto e como irrupção súbita à vista (visão), isto é, súbito des-encobrimento, i-mediato desvelamento (des-cobre-se/desvela-se o que estava coberto/velado no e pelo embotamento, na e pela indiferença ou apatia do habitual, *cotidiano*). Isso significa que *verdade*, em se ouvindo desde e

⁶ Cf. Heráclito, frag. 112 — a tradução é um *pot-pourri* a partir de E; C. Leão, de B. Snell e de *chute* nosso.

como “alétheia”, não diz respeito a um estado de fato, a um dado *real, objetivo, coisista e coisal*, que é a (sub)compreensão e a exigência que funda a tradicional, quer dizer, habitual (*cotidiana*) concepção de verdade como adequação, correspondência à coisa, ao *dado objetivo*, ao *fato*. Não, entender-se verdade como revelação, mostração, aparecimento ou desvelamento (des-ocultação, des-coberta) — tudo isso está falando “alétheia” — é entender/ouvir *verdade* como uma *tensão vital*, como um *estar ligado, aceso* (desperto) e assim partícipe da dinâmica de realização de um *interesse*, de um *mundo* (de um *lógos*). Este interesse ou mundo, tal como já expusemos, fala de um possível modo de ser-aparecer-fazer-se de vida, de existência — então, de realidade, de *toda* a realidade. Por exemplos, diz-se: o *mundo-*, o *interesse-arte* — pintura, por exemplo. Ou o *mundo-*, o *interesse-música*; o *mundo-*, o *interesse-escultura*; o *mundo-*, o *interesse-ciência*; o *mundo-*, *interesse-religiosidade*; o *mundo-*, *interesse-desporto*, a escalada do Evereste, a corrida da Maratona, etc, etc. Cada *mundo* ou cada *interesse* perfaz um *horizonte*, uma *dimensão*, uma *óptica* (perspectiva)⁷ possível desde a qual e como a qual *toda a realidade mostra-se, aparece, revela-se* desde e como tal modo de ser. Para que tal aconteça, porém, é preciso *já* ser/estar tomado, tocado por um tal modo de ser, por uma tal *verdade*, quer dizer, por uma tal possibilidade de realidade dar-se, fazer-se, aparecer ou mostrar-se (des-ocultar-se, des-encobrir-se) *como tal*. Enfim, para tanto é preciso *já* estar tomado e *já pertencer* a tal mundo, a tal interesse — horizonte, dimensão, óptica.

A sabedoria, o saber, é um fazer (“poiein”), uma atividade — do homem e só do homem. Ação de vida, atividade da *alma, psyché*. É a ação, a atividade ver-ouvir-seguir o expor-se de real, isto é, partilhar, *compartilhar* o movimento *physis*, a *nascividade*, o *brotar* do real, isto é, seguir o real fazendo-se real ou a própria dinâmica de realização de realidade. Ouvir é, em cuidadosa ausculta, acompanhar, seguir. Em isso se dando ou acontecendo, dá-se, acontece a *excelência* (“areté”), a força maior do homem, quer dizer, aquilo que o marca e o define na sua identidade — a saber, pensar (= tal seguir). Ou o que marca, define sua diferença própria — a saber, pensar, que é *ver e participar da irrupção* de vida, deste acontecimento de gênese, de geração. Pensar, pois, é o nome da ação que é o dar-se e o fazer-se do saber. O saber é tal *experiência*. Daí que Nietzsche nos advertiu, numa passagem que se tornou proverbial: “A palavra grega que designa o *sábio* pertence, etimologicamente, a *sapio*, eu saboreio, o degustador, *sisyphos*, o homem do gosto mais apurado; um apurado degustar e distinguir, um acurado discernir, constitui, pois, a arte peculiar do filósofo”⁸ — a saber, do pensar, do filosofar. O saber, que é o próprio exercício de pensar, é *dizer* (“*légein*”) este *expor-se* de mundo (lógos, interesse) e *dizer* quer dizer: *mostrar* (Heidegger), *tornar visível* (Paul Klee), *dar a ver* (João Cabral de Melo Neto, Paul Valéry — “*donner à voir*”). Dizer se faz mostrar, se *evidencia* tornar visível, quando já se está, já se é, tocado e tomado pelo *mundo poética*, pelo *interesse poética da linguagem*, que é a experiência ou a vigência do modo de ser, no qual e desde o qual palavra se faz princípio de realidade, dinâmica de realização de realidade⁹. Dizer, linguagem, assim, é o expor-se, o vir à fala e assim concretizar-se de *experiência* — a experiência da linguagem (lógos, mundo, interesse). Segundo nosso Guimarães Rosa, em isso se dando ou acontecendo (e é preciso que aconteça, se dê), o homem repete o Deus do *Gênesis*, e o *ajuda*. Portanto, tal dizer ou tal mostrar (“dar a ver”, “tornar visível”) se faz em se fazendo, em acontecendo a sintonia fina, a participação

⁷ Não é hora, mas ter-se-ia que esclarecer como tal compreensão/interpretação não é subjetivista, antropológica ou antropocêntrica, mas vital, existencial, isto é, de fundo (origem) transcendente e ontológico do interesse, do *mundo* ou da *perspectiva*, subitamente (salto) irrompido(a). O *sujeito*, até e sobretudo como *eu*, é tardio e resultado desta estrutura ou forma.

⁸ Cf. Nietzsche, F., *Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen*, Kritische Gesamtausgabe, III-2, Walter de Gruyter, Berlin, 1973, p. 310.

⁹ Constitui-se num tema longo e à parte esta compreensão/interpretação de dizer como *mostrar* (Heidegger), *tornar visível* (P. Klee) ou *dar a ver*, “*donner à voir*”(João Cabral de Melo Neto e P. Valéry). Este, porém, é um tema decisivo para a compreensão de linguagem, num horizonte outro que não o da comunicação e o da referência desde convenção e *símbolo*.

com o movimento de aparecer, de *ex-por-se* do mundo, do interesse (do *lógos* ou da linguagem) no qual se está e o qual se é. Tal participação ou tal tensão vital perfaz o *ouvir*, a *escuta*. Isso e assim é “o *ouvir o lógos (mundo, interesse) e não a mim*”, isto é, ao pensador enquanto pessoa, *cara, sujeito* (Cf. Heráclito, frag. 50).

Fechando e enfatizando este breve comentário ao fragmento 112, assim *ver*, assim *ouvir*, que é *seguir* (= ouvir) a *phýsis*, o revelar-se e iluminar-se de mundo (de *lógos*, de interesse) — isso e assim, pois, é *pensar*. Pensar, que é dito ser a maior virtude, a maior força, o maior poder. A maior força, o maior poder, isto é, a *excelência* (“areté”) do homem, pois o homem e *só* o homem vê — vê e vê que vê, ou seja, ele, no pensamento e como pensamento, alcança e festeja ver o ver. Pensamento é ver *gênese*, mas na filosofia, como filosofia o pensamento vê o ver, ele faz-se a vida da vida. A filosofia é esta loucura ou este quixotismo: ver o ver — o *ver-se* de vida. Ela vê *gênese como gênese*. Ela é *gênese de gênese*. O *ver-se* da vida na vida. Isso acontece, irrompe no homem e *só* no homem — daí sua *excelência*, sua *força maior* (= identidade respectivamente diferença). O homem é o lugar e a hora deste acontecimento ímpar. Lugar e hora, foi dito. De modo algum, porém, isto significa ser o homem a *causa* deste acontecimento, ser ele o *autor* ou o *dono*, do real, quer dizer, o *sujeito*, fundamento ou razão de ser do acontecimento realidade. Enquanto lugar e hora, ele é *passagem*, *só* passagem. Ele é como que *usado* nisso e por isso. Por nenhum-ninguém, nada. Puro acontecimento, pura doação. Irrupção, salto. Sim, agradecer é preciso.

É como ver o ver que a filosofia, o pensamento, se faz, no dizer de Platão, uma conversa da alma (= *psychê*) com a própria alma, isto é, um diálogo da vida com a vida¹⁰. A filosofia, pois, *quer* ser a *gênese de gênese*, a vida da vida. Melhor formulado: ela *quer* ser este modo de ser que ela *pode* e que, então, desde e como esforço, ela conquista e sustenta este poder-ser, que é o seu. Ela cumpre como *querer este poder*, isto é, esta possibilidade constitutiva de vida. Para tal, porém, é preciso esforço, empenho. O esforço, o empenho, por parte do homem, de, paradoxalmente, conquistar, *precisar* conquistar o que ele é, a saber, a possibilidade e, então, a *necessidade* de vir a ser o que ele é, ou seja, o vivente que é *na* e como a possibilidade/necessidade de *ver* — enfim, ser nesse e como esse *destino*, que é destino/envio de liberdade. O homem acordou, despertou para isso, para esse modo de ser e, então, não pode mais não ser isso e assim, mas, paradoxalmente, ele precisa empenhar-se para nisso e assim manter-se, insistir, pois há uma *tendência*, uma *conspiração* em favor do *sono*, da *letargia*, isto é, da apatia e da indiferença — do não fazer, da preguiça, mesmo! Esforço, empenho para manter *acesa* esta possibilidade, empenho para manter a vida viva para si mesma e, desse modo, cultivá-la, promovê-la em perfeita sintonia, em perfeita sincronia e consanguinidade. Assim o homem coincide consigo mesmo, isto é, incide sobre sua própria essência ou sobre seu modo de ser próprio e intransferível e, por esta via, ele faz de si, de seu próprio ou de sua identidade vital-existencial, seu *centro de gravidade*, sua *alma*. Pergunta-se: mas por que isso? Para que isso? Não há porquê, não há para quê. Pois a vida, a existência, é sem porquê e sem para quê. Pura gratuidade irrompida, saltada. Então, assim é, pois o homem, a vida ou a existência humana, é isso e assim. De graça, gratuitamente. Cabe ser, cumprir.

¹⁰ Cf. Platão, *Sofista*, 263e, onde se lê: “... ao diálogo interior e silencioso da alma (*psychê*) consigo mesma, chamamos pensamento (*diánoia*); em *Teeteto*, 189c, tem-se a mesma fala, a mesma exposição e compreensão de pensamento, isto é, da filosofia.

II O ENSINO DA FILOSOFIA

1. Ensinar filosofia?! Kant, num contexto muito próprio, disse que não sabia e não podia ensinar filosofia, mas sabia como filosofar¹¹. De cara, ensinar filosofia não deve ser, por parte de alguém, o *professor*, que supostamente sabe mais e muito, fazer um *descarrego* para cima de quem supostamente sabe menos, pouco ou nada — o *aluno*. Não. No *Banquete*, Platão, pela boca de Sócrates, numa bela imagem, disse que a sabedoria (“sophía”, enfim, a *filosofia*) não é uma *coisa* (um conteúdo, um ingrediente), por exemplo, como a água, que, através de um fio de lã, pudesse passar de um cântaro cheio (o professor, por exemplo) para um cântaro vazio (o aluno, o discípulo, por exemplo)¹². Pensar, filosofar é um modo de ser do homem, uma possibilidade, que se aprende fazendo, que se conquista em se exercitando — *cada um desde, a partir de si mesmo*. Por exercício e esforço próprios. Sim, o exercício faz o mestre.

Filosofia, filosofar, viu-se, é pensar. E pensar, viu-se, é um exercício, a ação de *ver* — o ver que dá conta do aparecer, do revelar-se ou mostrar-se do real em sua realização ou gênese. Ver e, desde e como *escuta*, acompanhar, seguir, tal acontecimento de gênese, de geração. E assim sustentar, fazer-se capaz de sustentar tal ver. Sustentar e *pro-mover*. E, como tudo que é exercício na vida, tal aprendizado se adquire *fazendo*. Quem faz, sabe. E, para fazer, o melhor é fazer junto com quem faz, com quem *sabe fazer* — *imitar* aquele que faz e faz *bem*. Tais tipos, tais modelos, no caso, para nós, são os filósofos, os pensadores. *Conversamos* com eles através de seus textos, de suas obras. *Conversamos* com eles lendo-os. Ler (“legere”) é colher. Na leitura, na *boa* leitura, a *interessada*, colhe-se o que foi *jogado, semeado* pelos velhos autores, pelos velhos pensadores, filósofos. E é preciso imitá-los — colher e também semear, plantar, e deixar pasto para os pósteros, os porvindouros. Aprende-se imitando — imitando os antigos, os que *fizeram* — docemente, docilmente. Doçura, docilidade, não é subserviência. Lendo-os, ouvindo-os, aprendendo, em imitando-os. Mas não é, não deve ser qualquer imitação. Não é a imitação da macaqueação, da papagueação — isso e assim seria preguiça e, então, sim, subserviência. Não é imitar para reproduzir tudo em cópia fiel, fotocópia, fac-símile. Não. Trata-se, antes e sobretudo, de imitar *o fazer* e não *o feito* — no feito, desde o feito, ser capaz de ver, de entrever e *pegar* a força do fazer e assim ganhá-la, conquistá-la. A imitação, a cópia *só* do feito vira o estereótipo e a sua propagação é a propagação do cristalizado, a difusão do sedimentado — enfim, do cadáver, do morto. Isso logo cheira mal.

Imitar o fazer dos filósofos — aprender a fazer, fazendo; fazendo junto, co-fazendo. O filósofo, viu-se, faz, co-faz gênese. Assim ele se faz consanguíneo com o real, isto é, com a gênese do real, pois real é gênese, geração. Ele co-nasce com o nascer, que é o real, a vida do real — este o *bom* conhecimento. “Con-naître” (conhecer, co-nascer), soa ainda explicitamente nos franceses. *Physis*, disseram os gregos ao irromper da experiência do pensar, do pensamento — ouvir, seguir a *physis*. Isso e assim a imitação. Aristóteles, na *Física*, disse que o artista imita a *physis*, a *natureza*. Isso lhe valeu a pecha de naturalista e de realista, como se ele fosse um *idiota da objetividade*. Mas, não. *Physis*, *natureza* (“natura”, “nascer”, “nascor”) diz brotar, irromper, nascer — vir à luz, mostrar-se. *Physis*, *natureza*, não é um estado de fato, uma ocorrência *objetiva*, um dado em si. *Physis* é criação, criar. Imitar a natureza, portanto, é *imitar* o nascer, o brotar, o eclodir — criar e criar-se. Então, é co-nascer; criar, co-criar. É crescer com ou junto com — mais uma vez, co-nascer, crescer, con-criar. Assim se é *concreto*. Tal saber se faz *concreto*. Co-nasce-se à medida que vida renasce e ela renasce à medida que se transforma, que se altera, que vem a ser outra, em permanecendo a

¹¹ Cf. Kant, I., *Crítica da razão pura*, A 838, B 866, *A arquitetura da razão pura*.

¹² Cf. Platão, *Banquete*, 175d.

mesma na e como diferenciação, na e como *alteração* (= vir a ser outra, “*alter*”). É co-fazer o fazer-se que é o real, a *physis*; *co-criar* o criar-se, que é a vida — a *physis*. Este é o *bom* fazer junto, o *bom* co-fazer — imitar. A *boa mimesis*. Real, autêntica participação vital. A gênese de gênese. A vida da vida.

Imitando os filósofos, nossos mestres, desde a leitura lenta e cuidadosa, aprendemos a imitar, a participar de gênese, de geração — da vida. Imitando os filósofos, que vivem a perguntar (o *ofício* do filósofo é perguntar) aprende-se a perguntar e em aprendendo a perguntar aprende-se a aprender. Perguntar, questionar (“*quaestio*”, “*quaerere*”), é uma forma de querer. E querer é lançar-se, projetar-se, *transcender-se* — no caso, agora e aqui, lançar-se, projetar-se ao, para o *é* das coisas, para seu modo próprio de ser. Este *é*, vimos, constitui-se em gênese, perfaz geração. Perguntando, questionando, *querendo*, vai-se em direção ao segredo da maestria, que é aprender a aprender, que é o segredo de todo mestre e o segredo de todo *bom* discípulo, *bom* aluno — este aprende a aprender. Se consegue isso, *vira* mestre também. “Não agrada ao mestre aquele que permanece sempre discípulo”, já disseram. Se se aprende a aprender entramos em fina sintonia, em íntima participação com a dinâmica de realização de realidade, de gênese — de vida. Por isso, um mestre, um grande mestre, proclamou: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”¹³. Na imitação, desde a *boa* imitação, seguindo, com docilidade e doçura, *de repente*, isto é, em *salto*, súbita ou i-mediatamente, entramos em sintonia, participamos vitalmente da vida; fazemo-nos, *de repente*, co-partícipes e, assim, nos fazemos, nos tornamos, no e como pensar, a vida da vida. Este *de repente*, em e como *salto*, fala da gratuidade e da doação, da dádiva, de tal acontecimento. Sim, há que agradecer: muito obrigado!

2. À guisa de conclusão temos algumas considerações, talvez, não muito canônicas a respeito do ensino da filosofia. Mas também nada de *birra*. Paradoxalmente, não muito canônicas, pois velhas, muito velhas — portanto não modernas, modernas e atuais. Velhas, *antigas*, mas não senis. Nada de coisa recente, recentíssima — de *última geração*. Nada de nova e novíssima pesquisa pedagógica — de moderna técnica de aprendizagem, de psicologia da aprendizagem — dessas em que nada se faz, mas tudo já se compra feito. Não, trata-se de coisas velhas, antigas e simples. E o fundo de tudo é este preceito de conversar com os filósofos, isto é, lê-los. E lê-los bem, com cuidado e vagar e assim *imitá-los*. Em boa prosa. É trabalho lento. Lento e longo. Muito longo, muito lento — como a boa prosa. Melhor: no bom *prosear*. Não há pressa, pois temos a vida toda para fazer isso. Imitar e, desde tal imitação, imitar o *fazer* e não o *feito*. Assim aprender o aprender — *virar* mestre. É um contínuo, *eterno* exercício — e aprendizado. Tal conversa, tal diálogo, tal leitura, é coisa para a vida toda. Portanto, sim, não há pressa. Ler, como disse Nietzsche, com o *pedigree* filosófico, quer dizer, com paciência *vacuum*, com a capacidade e a disposição para ruminar. Ruminar é coisa de vaca, mas também de filósofo, de pensador. De *bom* filósofo, de *bom* pensador — de bom discípulo, de bom aprendiz. Ruminar, ou como já disseram, meio muito chistosamente, ficar ciscando no mesmo lugar — então, filósofo tem, teria também coisa de galinha?! Talvez até de galinha choca, isto é, às vezes meio muito mal humorado, rabugento. Galinha choca é bicho meio muito mal humorado, rabugento... A vida toda perguntando, ciscando no mesmo lugar. Mas na boa! Bem humorado. Esse ruminar é *matutar* — o filósofo é também um *matuto*. Vive matutando. Filosofar é, por longo tempo, ser capaz de *matutar*. Gostar disso.

Ensino, aprendizagem de filosofia —

a) na fonte, sempre na fonte — o autor, os autores, os filósofos, os pensadores. Suas obras, claro. Não se desgastar, não perder tempo com muitas e longas “introduções” à filosofia — ou a este ou àquele filósofo; jamais ler livros do tipo “Filosofia para iniciantes”; ou, como aparece no

¹³ Cf. Rosa, João Guimarães, *Grande Sertão; Veredas*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1968, p. 235.

supermercado, no *shopping*, “Platão em noventa minutos”; daí, Aristóteles, talvez, em uma hora; Heidegger em quinze minutos, Nietzsche já pronto e embalado... Pode comer agora!

b) Pelo que já ficou claro, não se desgastar, não perder tempo com a chamada “literatura secundária”. Secundário é secundário — portanto, sempre em segundo lugar e pouco, muito pouco. O primeiro, o importante é a fonte — o filósofo, os filósofos. Suas obras. De preferência, os grandes — *um* grande, isto é, essencial, radical. Aquele que se quer, aquele que, pelo seu modo de *pegar*, de *tematizar*, nos desperta um real interesse, gosto. Já disseram também (Schlegel): “Para o que se tem gosto (interesse) tem-se gênio”. É preciso seguir, obedecer este preceito: não *muitos* filósofos — de cara, começando, de preferência, *um*. Um *tem* tudo. Este *tudo*, não é quantidade, não é somatório, mas *modo de ser*, modo de gênese (vida) se fazer gênese (vida). Gravidade, intensidade. Seguindo, ouvindo este preceito, também já viram e disseram: “Uma virtude (força, interesse) é mais virtude (força, interesse) do que duas, porque é mais nó, no qual se dependura, se amarra o destino”¹⁴. Um destino, que não é fatalismo ou fatalidade, é um envio, quer dizer, uma história — a cunhagem de uma identidade, a saber, *a minha*, em fazendo.

c) Pelo dito (não *muitos* filósofos), fica claro que filosofia não é erudição, acúmulo de informação, *cultura*. Isso, informação, erudição, *cultura*, nada tem a ver com *espírito*, com *alma*, isto é, com *vida*, que é movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo, isto é, cresce e se faz desde, a partir de si. Sem o lixo da informação, sem o entulho da erudição, que tudo atrapalha, tudo emperra. Fica-se pesado, *pesadão*. Lassidão e modorra. É areia na engrenagem da vida. Real sabotagem. Neste contexto, no ensino e na aprendizagem da filosofia e no apelo por informação e erudição — cuidado com as “histórias” da filosofia! Em geral, isso é relato, relatório, inventário, levantamento de dados e datas — calendário, historiografia, *seriado* de doutrinas. E feito por quem *não é do ramo*, por quem está *por fora* — por fora da filosofia, do pensamento. São os *historiadores*, melhor, os *historiógrafos da filosofia*. Em geral, catalogadores, classificadores, *almoxarifex*. Hegel nos alertou em relação a estes eunucos. Não falam *desde o elemento próprio*, quer dizer, desde a própria filosofia, desde o próprio pensamento. O verdadeiro, o autêntico historiador da filosofia, aprende-se com Hegel, é o filósofo — os filósofos, em herdando, em *filosofando*, em fazendo *desde a própria coisa*, desde o *elemento próprio*, a saber, a filosofia, o pensamento.

E, no caso das *introduções*, não perder-se, não dissipar-se em intermináveis adiamentos, em protelações infindas e infinitas — o antes do antes do antes... O prévio do prévio do prévio... O antecedente do antecedente do antecedente... A introdução (as introduções), que se mostram como a preparação, o *preliminar*, que adia indefinidamente a *coisa*. Não. *Só* a filosofia explica a filosofia. *Só* a filosofia é começo da filosofia. Ver isso, dar-se conta deste fato, é a lucidez que possibilita ser e fazer sempre já desde o próprio elemento. Também aqui, direto à coisa mesma.

N. B. Quanto às histórias da filosofia, façamos uma concessão: vale uma *passada*, uma *leiturazinha* de uma história geral, bem geral, da filosofia, bem completa e bem arrumadinha, para que nos coloquemos aproximadamente em dia com as datas e, por exemplo, não confundamos a.C e d.C. e, assim, ordenemos um pouco as obras, os filósofos, no âmbito desta referência do calendário, da folhinha. Não é essencial, mas tem lá sua utilidade. Como diria o Descartes, são coisas que ajudam ao filósofo, tal como as formigas ajudam ao naturalista...

Mas, precisa valer o preceito: longe dos *manuals*, das *introduções*, sejam as historiográficas, de protelação infinita, sejam as escolares, *fáceis*, *facilitadoras* — *rápidas*. Isso tudo é engodo, embuste. Longe de coisas do tipo “Manual (prático, de bolsol) de filosofia” — ou de ética, ou de estética, ou de lógica... Aliás, a filosofia não *tem disciplinas* — isso é invenção da academia, da escola, da sacristia filosófica. Tais *disciplinas* jamais aparecem nos textos, nas obras dos filósofos. Tudo isso é

¹⁴ Cf. Nietzsche, F., *Assim falava Zaratustra*, prólogo, 4.

pernicioso, desagregador, pervertido, degenerado. Longe de coisas do tipo “Filosofia para iniciantes” — ou para *juvenis*, para *adolescentes*, para *fracos*, *oprimidos e desvalidos*, *ofendidos e humilhados*; hoje, talvez, *para mulheres*, *negros*, *índios*, *tapuias*, *emigrantes* ... Tudo isso é impostura, vigarice. A “filosofia negro-tapuia”, a do “*penetral*”, só em “A Pedra do Reino”, do Suassuna — lá, toda pícara e satírica, é genial! Bem, paremos por aqui, porque agora, sim, está ficando *birrento*. A filosofia é, tem, os textos dos filósofos, suas *obras*, seus testemunhos, seus espólios. Tudo isso para nós. É preciso apossar-se disso, deste tesouro... Lendo, colhendo... Estudando. *Direto à coisa mesma*. Uma conquista.

X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X

Mas quero ainda deixar dois *recados* para vocês. Recados de dois grandes mestres — portanto, tipos a serem ouvidos, seguidos, *imitados*: Frederico Nietzsche e Martin Heidegger.

O de Nietzsche fala, sob o número 5., do *Prefácio* (tardio) a *Aurora*:

— Por fim: para que precisaríamos dizer tão alto e com tal fervor o que somos, o que queremos e não queremos? Vejamo-lo mais fria, mais distanciada, mais atilada, mais elevadamente — digamo-lo, tal como entre nós é permitido que se o diga, tão em segredo que todo mundo não o ouça, que todo mundo não *nos* ouça! Sobretudo, digamo-lo *lentamente* ... Este prefácio vem tarde, mas não demasiado tarde — o que são cinco, seis anos? Um tal livro, um tal problema não tem pressa. Além do mais, eu e meu livro, somos amigos do *l e n t o*. Não é à toa que se foi filólogo — talvez mesmo, que ainda se o é. Isso quer dizer: um mestre do ler lentamente. Enfim, escreve-se também com vagar. Não só pertence a meus hábitos, mas também ao meu gosto — um maldoso e perverso gosto, talvez? — escrever tudo de tal forma que todo homem que *tem pressa* é levado ao desespero, à desesperação. Filologia é a venerável arte que exige de seu cultivador, antes de mais nada, uma coisa: passar ao largo, dar-se tempo, fazer-se silencioso, tornar-se vagaroso — tal como uma ourivesaria, tal como uma arte da lapidação da *palavra*. Uma arte que tem um trabalho sutil, cuidadoso e esmerado a fazer e que, no entanto, nada alcança se não o ganha sob a forma do *l e n t o*. Precisamente por isso é a filologia hoje mais necessária do que jamais, precisamente por isso ela nos atrai e nos encanta mais vigorosamente em plena época do *trabalho*, isto é, da pressa, da pressurosidade indecorosa e suada, que quer logo *acabar tudo*, que quer logo *fazer-se pronta* com tudo — também com este antigo e novo livro. Também ela, a filologia, não se faz tão facilmente pronta, acabada, com qualquer coisa. Ela ensina a ler bem, isto é, ler lentamente, funda e profundamente, com atenção cuidadosa, com prudência retrospectiva, com sub- e co-pensamentos, com portas e janelas abertas, com dedos e olhos finos, acurados, tateantes... Meus pacientes amigos, este livro reclama para si leitores perfeitos e filólogos: *a p r e n d e i a* ler-me bem!¹⁵

¹⁵ Cf. Nietzsche, F., *Aurora*, Prefácio, nr. 5. Também em *Genealogia da Moral*, igualmente no Prefácio, nr. 8, lê-se: “... Evidentemente, para exercitar o ler como uma (tal) arte, uma coisa se faz necessária, coisa esta que hodiernamente,

Isto é, devagar, com vagar, *lentamente*. Esta a exigência da filosofia. O de Heidegger soa, numa passagem de “*O que significa pensar?*”:

De fato. Ensinar é ainda mais difícil do que aprender. Isso certamente é conhecido, mas raramente se pensa nisso. Por que (o) ensinar é mais difícil do que (o) aprender? Não porque o mestre (o professor) deva possuir mais conhecimentos (saber *mais*) e que o deva ter sempre e a cada momento à sua disposição. Ensinar é mais difícil do que aprender, porque ensinar quer dizer: deixar aprender. Poder-se-ia até dizer que o verdadeiro mestre deixa aprender tão só e unicamente: o aprender. Por isso, muitas vezes, o seu fazer desperta também a impressão de que, junto dele, nada se aprende propriamente, se entendermos por aprender adquirir-se conhecimentos ou informações que possam ser utilizadas. O mestre está à frente dos discípulos (alunos) somente nisso: que ele, ainda muito mais do que os discípulos (alunos), tem a aprender — a saber, o deixar aprender. O mestre deve poder ser mais ensinável do que os discípulos. O mestre é muito menos seguro de sua causa (de seu afazer) do que os discípulos da sua (do seu). Daí que na relação mestre/discípulo, se o relacionamento é verdadeiro, jamais entra em jogo a autoridade (poder) de quem sabe muito e a influência autoritária do representante magisterial.¹⁶

Petrópolis, 13 de junho de 2020.

aliás, foi completamente desaprendida — e por isso precisará ainda algum tempo para a *legibilidade de meus escritos* — uma coisa, pois, se faz necessária e para a qual é preciso ser, antes, vaca e de modo nenhum *homem moderno*. Mas, enfim: faz-se necessário o *r u m i n a r ...*”

¹⁶ Cf. Heidegger, M., *Was heisst Denken?* — *O que significa pensar?* Ou: *O que convida e dispõe a pensar?* — , Max Niemeyer, Tübingen, 1971, p. 50.